



Pioneiras/os da psicologia escolar no estado do Piauí: um estudo historiográfico

Pioneers of school psychology in the state of Piauí: a historiographic study

Leilanir de Sousa Carvalho

 <https://orcid.org/0000-0002-6350-560X>
Universidade Federal do Pará
Brasil

Thayná Costa Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-6177-0936>

Maycon Campos de Almeida

 <https://orcid.org/0000-0003-3158-1410>
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Brasil

Fauston Negreiros

 <https://orcid.org/0000-0003-2046-8463>
Universidade de Brasília
Brasil

Resumo

A pesquisa apresenta a história da construção e consolidação do campo de estudo e atuação da Psicologia Escolar no Piauí. Utilizou-se abordagem qualitativa, historiográfica, com história oral. Foram definidas como participantes as/os pioneiras/os a contribuir para um determinado campo de atuação. Os seis depoentes foram escolhidos por terem: I) atuação na área; II) sido docentes; e/ou III) participado de órgãos/instituições da área. As análises foram construídas a partir de indicadores e núcleos de significados dos registros orais, a partir dos quais foram organizados em cinco eixos temáticos: a) Atuação em psicologia educacional e psicologia escolar; b) Primeiras incursões da Psicologia no campo da Educação do Piauí; c) Estrutura e recursos disponíveis para atuação profissional; d) Transformação no campo e protagonismo dos estagiários de psicologia escolar; e) Movimentos de descentralização da psicologia escolar no estado.

Palavras-chaves: psicologia escolar e educacional; historiografia; pioneiros; história; Piauí.

Abstract

The search presents the history of construction and consolidation of the field of study and performance of School Psychology in Piauí. A qualitative, historiographical approach was used, with oral history. Participants were defined from pioneers contributing to a given field of action. The six interviewees were chosen because they had: i) experience in the area; ii) been teachers; and/or iii) participated in bodies/institutions in the area. The analyzes were constructed from indicators and core meanings of oral records, from which they were organized into 5 thematic axes: a) Performance in educational psychology and school psychology; b) First incursions of Psychology in the field of Education in Piauí; c) Structure and resources available for professional performance; d)



Transformation in the field and protagonism of school psychology interns; e) Movements for the decentralization of school psychology in the state.

Keywords: school and educational psychology; historiography; pioneers; history; Piauí.

A psicologia escolar e educacional esteve, desde o início, vinculada ao recente surgimento e consolidação da própria Psicologia no Brasil, com regulamentação da profissão de psicólogo aprovada em 27 de agosto de 1962 a partir da Lei nº 4.119, razão pela qual compartilharam inúmeros saberes e técnicas.

Ao longo dos anos, a psicologia escolar educacional vem se remodelando conforme o contexto político, histórico e social na qual está inserida, sendo possível observar diferentes formas de atuação pautadas a partir de três modelos: o clínico, o educacional e o institucional (Negreiros et al., 2020a).

Apesar dessa divisão, nos anos iniciais da psicologia escolar, a atuação clínica é a que mais se destacava, especialmente quando considerado o contexto político e histórico na qual ela estava inserida, com a ascensão do pensamento neoliberal, pautado na transformação estrutural da sociedade (Antunes, 2008).

Nesse cenário, a escola foi responsabilizada pela formação do homem, para que ele atendesse todas as exigências do sistema capitalista, acarretando a criação de uma série de normas responsáveis por classificar ações e comportamentos em consequência das diferentes características individuais e realidades socioculturais (Arruda & Oliveira, 2017).

Assim, era ensinado e exigido à/ao psicóloga(o) uma postura de correção aos estudantes que apresentassem comportamentos desviantes da norma, com intuito de reajustá-los aos padrões socialmente aceitos. Tais posturas evidenciam um olhar individualizante pautado em um viés culpabilizador do sujeito, o que fortaleceu a explicação por parte de psicologia de que o fracasso escolar teria suas razões em demandas exclusivas dos alunos, fortalecendo uma prática individualizada, psicodiagnóstica e psicoterapêutica (Candeira et al., 2020).

Vale mencionar que, anterior à regulamentação do psicólogo em 1962, já existiam práticas que correlacionavam a psicologia à educação, tendo estudos que datam essa relação desde o período da colonização. Em Patto (2022), por exemplo, é discutida a história dessa relação anterior à década de 1960 e atrelada a questões políticas e suas complexidades regionais e nacionais.

Barbosa (2011) traz que a história da presença da Psicologia na educação começa em conjunto com o movimento dos testes, com início nos anos que antecedem a profissionalização. Esse período é caracterizado pela produção de uma Psicologia educacional e do escolar tradicional, baseada na testagem, psicoanálises, mensuração de aptidões para fazer um encaixe perfeito entre as capacidades, medidas de Q.I., habilidades específicas e educação compensatória (Barbosa, 2012).

Até aqui, percebem-se muitos comportamentos profissionais semelhantes



e reducionistas, cuja base era uma Psicologia Escolar normativa, classificatória, ajustadora e disciplinatória. No entanto, cabe destacar a série de transformações que essa ciência passou ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito à conduta das(os) profissionais no cenário educacional e às mudanças acerca da percepção social sobre o papel da(o) Psicóloga(o) Escolar e Educacional/PEE.

Essas mudanças teóricas e práticas resultaram na representação da área e do campo de atuação em consonância com as especificidades temporais em que se encontravam no contexto político, econômico, histórico e cultural.

A partir disso, é importante destacar o período que deu início às reformas que embasam o que conhecemos hoje como psicologia escolar. A perspectiva, denominada de psicologia escolar crítica, tem como marco a tese de doutorado de Maria Helena de Souza Patto, publicada em 1981 e intitulada *Psicologia e Ideologia: Reflexões sobre a Psicologia Escolar*, recentemente publicada em nova edição revisada e disponibilizada em acesso público (Patto, 2022).

Na tese, Patto investiga a prática existente no serviço de Psicologia escolar da prefeitura de São Paulo e dá início a uma série de críticas ao que era desenvolvido em serviços semelhantes, principalmente sobre como os psicólogos atuavam, baseados em pressupostos que focam em problemas de aprendizagem, desconsiderando questões socioculturais.

Com isso, começam a surgir propostas de mudança acerca desse olhar da Psicologia educacional e escolar que vai de encontro com as ideias tradicionais que tinham como objetivo manter os alunos normalizados e ajustados e começa uma nova fase da psicologia no cenário educacional.

Posteriormente, a partir da década de 1990, surge um novo período, denominado por Barbosa (2012) de Psicologia educacional e escolar e a reconstrução. Essa fase é representada pela mudança teórica e prática dos trabalhos na área da psicologia escolar educacional, especialmente diante do distanciamento com produções estrangeiras, para um fortalecimento de pesquisas focadas na realidade brasileira, tanto no cenário acadêmico quanto na prática, junto às instituições.

É nesse contexto que as produções sobre a psicologia escolar no Piauí começam a surgir, evidenciando um atraso em relação a muitos outros estados brasileiros. Segundo Silva e Yamamoto (2013), tal ato está relacionado com a recente implantação de cursos de graduação na área, que só aconteceu devido à política de expansão da educação superior operacionalizada por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, 1996).

A expansão da psicologia escolar decorrente dos cursos de graduação viabilizou o crescimento dessa área no estado do Piauí, sendo considerável o aumento no número tanto de profissionais quanto de produções científicas (Negreiros et al., 2020b). No entanto, cabe destacar que é possível identificar avanços expressivos na produção do conhecimento na área da Psicologia Escolar e Educacional no es-



tado do Piauí sob uma perspectiva crítica, mais presente na rede pública de ensino, enquanto ainda coexiste a presença de práticas tradicionais em algumas escolas na rede privada de ensino.

É nesse cenário de reestruturação que se visualiza a mudança de perspectiva em relação ao olhar, antes individualizado, centrado na responsabilização do fracasso e no processo de correção dos sujeitos presentes no contexto educacional, seja aluno, professor ou escola, para ações que englobam todos os participantes no universo escolar. Além de atuar sob um viés multidisciplinar, que ultrapassa demandas de comportamento e processos de ensino-aprendizagem e considera questões econômicas, sociais, culturais e políticas.

No entanto, ao buscarmos materiais de subsídios para a construção dessa pesquisa, observamos uma precariedade de materiais que contam a história da psicologia escolar e educacional no estado do Piauí e todas essas transformações a partir da perspectiva dos participantes deste processo (Negreiros, 2021).

Para isso, a pesquisa objetivou, por meio da identificação das(os) profissionais pioneiras(os) da psicologia escolar instituídos no estado, verificar as repercussões dessa atuação desde sua implantação até o desenvolvimento de práticas atuais no contexto piauiense por meio da pesquisa historiográfica com uso do método oral.

O recorte espacial escolhido para a realização deste estudo foi o papel do(a) psicólogo(a) no campo educativo e sua inserção nos contextos educacionais no estado do Piauí. Essa escolha se deveu, sobretudo, à observação de que as produções voltadas para historiografia da psicologia escolar e educacional no estado são escassas ou não apresentam fontes historiográficas fidedignas para compor uma linha do tempo da história desse referido campo de atuação.

Assim, diante do exposto, busca-se reforçar a relevância social e acadêmica desta pesquisa, diante da possibilidade de fomentar discussões acerca do tema e produzir material que sirva de subsídios para futuras produções acadêmicas científicas, uma vez que, apesar das mudanças, especialmente teóricas, vividas nos últimos 60 anos, a psicologia escolar no estado encontra-se em processo de desenvolvimento.

Metodologia

O estudo corresponde a uma pesquisa de abordagem qualitativa, seguindo inspiração no instrumento teórico-metodológico do tipo exploratório descritivo, buscando explorar e favorecer maior proximidade com o tema por meio da análise proveniente do levantamento de dados acerca da temática que se propôs estudar, proporcionando maior descrição e familiaridade com o problema de maneira a discutir sobre a forma como ele se apresenta em determinados contextos (Gil, 2008).

Para isso, foi utilizado a perspectiva da historiografia e da história oral, que



tem como objeto específico a realidade histórica e consiste em uma narrativa individual das experiências e percepções de uma pessoa ou grupo diante de um evento e/ou momento.

Essa técnica tem como um dos principais atributos a capacidade de proporcionar o acesso a informações passadas diante do testemunho de pessoas que viveram na época, e que, supostamente, são as que têm maior propriedade para falar sobre o assunto (Darahem et al., 2014).

A escolha da fonte oral como instrumento da pesquisa historiográfica valoriza e resgata a memória dos profissionais que participaram ativamente na inserção dos psicólogos escolares educacionais no estado do Piauí, sejam elas/eles pioneiras(os), que se configuram como os primeiros a contribuir, que colaboraram como personagens ativos num determinado momento histórico da área.

Para a construção da pesquisa, primeiramente, foi feita uma revisão da literatura, sendo encontradas algumas teses e dissertações que versam sobre o tema, tanto no cenário piauiense quanto nacional. Entre eles estavam: Antunes (2008), Barbosa (2012), Candeira et al. (2020), Carvalho (2019), Lima (2005), Negreiros et al. (2020b), Oltramari et al. (2020), Silva Neto et al. (2020). Posteriormente, foi construído um Plano de Trabalho que contou com depoimentos individuais a partir da perspectiva dos participantes, pioneiras/os da área no estado.

Para a sua realização a pesquisa foi submetida primeiramente ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, aprovada mediante parecer nº 5.625.670, atendendo às Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e com a Resolução 010/2012 do Conselho Federal de Psicologia, as quais versam sobre os aspectos éticos e legais de pesquisa envolvendo seres humanos.

Anterior às entrevistas, foi produzido um roteiro com perguntas semiestruturadas, contendo as seguintes questões: I) Fale livremente sobre a história da psicologia na área da educação piauiense; II) O que os psicólogos(as) que atuavam na área da educação disponibilizavam como recursos em sua atuação profissional?; III) O que foi instituído no momento em que você atuou na área da educação no Piauí?; IV) O que mudou historicamente dos anos em que você iniciou para os dias atuais?; e, por fim, V) Como você percebe a psicologia escolar atualmente? Quais os avanços e retrocessos?

Além disso, foi aplicado, de forma on-line, um questionário sociodemográfico para identificar o perfil dos participantes. Solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitando a permissão para que a entrevista fosse gravada, transcrita e para que os depoimentos pudessem ser utilizados na análise e discussão.

Participaram dessa pesquisa seis psicólogas(os) pioneiras(os) e protagonistas da área no estado, sendo cinco mulheres e um homem. Os depoentes foram as



psicólogas(os): Ana Célia Cavalcante, Claudia Moita, Cynthia Menda, Milene Martins, Delite Barros e Paulo Negreiros.

Como procedimento para a coleta dos dados, utilizamos a entrevista gravada em áudio e sua transcrição, devidamente revisados pelas (os) entrevistadas(os). Para a análise, foram criadas cinco categorias analíticas listadas a seguir a partir de eixos temáticos, considerando os objetivos da pesquisa: a) Atuação em psicologia educacional e psicologia escolar; b) Primeiras incursões da Psicologia no campo da Educação do Piauí; c) Estrutura e recursos disponíveis para atuação profissional; d) Transformação no campo e protagonismo dos estagiários de psicologia escolar; e) Movimentos de descentralização da psicologia escolar no estado.

Análise e Discussão

Como exposto previamente, a seguir, serão apresentadas as categorias de análise e a discussão segundo os relatos dos participantes. Assim, os eixos temáticos definidos anteriormente conterão extratos dos depoimentos das/os participantes da pesquisa, compondo a narrativa historiográfica da psicologia escolar e educacional no estado do Piauí.

1. Atuação em psicologia educacional e psicologia escolar

O eixo de análise escolhido para iniciar a discussão desta pesquisa diz respeito ao campo de atuação da psicologia escolar e da psicologia educacional, uma vez que é comum que essas sejam relacionadas e por vezes confundidas. Tal fato se dá principalmente diante da influência estrangeira defendida por alguns teóricos e seguidas por profissionais que classificam a Psicologia Educacional como responsável pela parte teórica, acadêmica e de pesquisa, enquanto a Psicologia Escolar diz respeito à prática (Barbosa & Souza, 2012).

Ao decorrer dos depoimentos, como será mostrado abaixo, foi possível perceber que, no Piauí, a psicologia educacional e a psicologia escolar se consolidaram concomitantemente à psicologia propriamente dita, e não separadamente como em outros estados, uma vez que os primeiros psicólogos no estado atuaram em diversas áreas, incluindo no contexto educacional e escolar.

Quando eu comecei na área da psicologia escolar, eu fiz uma pós-graduação em psicopedagogia, depois eu fui para docência, fui ser professora, daí fiz uma especialização em docência do ensino superior, a minha trajetória é muito parecida com outros profissionais. Depois fui fazer mestrado em educação e agora só estou na educação mesmo, mas diferente do pessoal mais jovem em função da nossa prática profissional nós fomos fazer a capacitação [...] Era uma questão de busca pessoal, os psicólogos estavam preocupados



com a sua formação, então como não havia cursos aqui, esses psicólogos iam fazer psicologia em outros estados e voltavam para suas cidades de origem em Teresina ou no interior (Milene Martins).

Quando eu saí da Paraíba eu vim fazer um concurso aqui, esse concurso podia ser pedagogo, psicólogo, licenciado, quem tivesse licenciatura em matemática, letras, essa área, que era prevenção à marginalização de menores. Eu fiz o concurso e passei em primeiro lugar e daqui eu fui convidada para Universidade, mas é bom lembrar que existe uma diferença entre ciência e profissão, aqui existe gente que estudava, fazia pesquisa, fazia mestrado, fazia doutorado em psicologia, que não psicólogo, era pedagogo, era professor, porque existe uma diferença entre ciência e profissão. A Ciência já estava sendo feita dentro da Universidade Federal do Piauí e antes nas faculdades isoladas, porque já existia o curso de direito, odontologia e filosofia, se eu não me engano (Claudia Moita).

Diante disso, cabe aqui destacar a definição e particularidades de ambos os campos de trabalho. Segundo Antunes (2008), a psicologia educacional “pode ser entendida como subárea de conhecimento, que tem como vocação a produção de saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo” (p. 470), enquanto a psicologia escolar:

Define-se pelo âmbito profissional e refere-se a um campo de ação determinado, isto é, a escola e as relações que aí se estabelecem; fundamenta sua atuação nos conhecimentos produzidos pela Psicologia da Educação, por outras subáreas da psicologia e por outras áreas de conhecimento (Antunes, 2008, p. 470).

No entanto, ainda assim é comum que essas áreas se entrelacem tanto na prática, no cotidiano escolar, quanto na graduação, como afirma a depoente a seguir:

Eu passei no concurso da UESPI, primeiro entrei na Pedagogia e depois fui para o curso de Psicologia. E dei muita aula na licenciatura e no curso de Psicologia que veio logo depois, e eu assumi Psicologia da Educação, até bem pouco tempo atrás, até uns dois anos atrás, eu tava na Psicologia da Educação, na Aprendizagem e muito envolvida com essa área da Psicologia Escolar (Ana Célia Cavalcante).

A psicologia tem um compromisso ético-político com a formação de professores desde suas primeiras práticas, uma vez que os princípios teórico-metodológicos da psicologia educacional, especialmente no campo das teorias de desenvolvimento e aprendizagem, contribuem diretamente para a formação de futuros docentes. Tal fato fez a psicologia ter papel protagonista nos cursos de licenciatura, colocando-a como uma ciência essencial para o desenvolvimento dessas futuras e futuros professores (Oltremari et al, 2020).

Eu sempre achei que trabalhar com psicologia escolar é trabalhar com saúde, trabalhar com a promoção e prevenção de doenças... promoção de saúde e prevenção de doenças. Então eu achava assim que era a coisa mais espetacular dentro da psicologia era isso,



trabalhar com a saúde das pessoas, poder ajudar nisso, nos processos de ensino e aprendizagem. Então meu contexto foi esse, até na experiência clínica, que a psicologia não preparava muito a gente para trabalhar com criança, porque criança tem muito movimento e eu vi isso não faculdade, então eu fui fazer psicomotricidade, e quando eu terminei psicomotricidade eu fui fazer mestrado em educação. Eu me direcionei para educação. E quando eu terminei o mestrado fui convidada para dar aula na faculdade Santo Agostinho e comecei a minha trajetória na psicologia, principalmente na escolar que era meu chão (Cynthia Menda).

Articulado ao que foi descrito acima, Jacob et al. (2019) afirmam que a escola é um importante aliado na concretização de ações de promoção da saúde quando proporciona um ambiente saudável e capaz de produzir qualidade de vida e o respeito ao indivíduo. Por isso é um excelente espaço para criação de estratégias a partir de uma compreensão ampliada de cuidado, sendo essencial a participação de todos os usuários no desenvolvimento de aprendizagem de habilidades individuais e sociais para lidar com os processos de saúde-doença.

Organismos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde e a Unesco, têm dado cada vez mais atenção a importância da temática saúde nas escolas, uma vez que acreditam que esse espaço é propício para o desenvolvimento de habilidades como: autoconhecimento, pensamento criativo, comunicação assertiva, tomada de decisão, manejo de emoções e sentimentos, empatia, relações interpessoais, solução de problemas e conflitos, pensamento crítico e manejo de tensões e estresse.

Em suma, pode-se perceber que os percursos das (os) entrevistadas (os) com a psicologia escolar e educacional piauiense estão interligados com a história delas no estado, uma vez que todas(os) tiveram uma formação fora, como já foi mencionado e será esmiuçado com as práticas profissionais no eixo a seguir. Além disso, observa-se que a inserção das(os) psicólogas(os) nas escolas se deu próximo e/ou até com o início dos cursos de graduação na área, razão pela qual os mesmos profissionais atuavam nos diferentes campos de trabalho.

2. Primeiras incursões da Psicologia no campo da Educação do Piauí

Como já apresentado, um dos primeiros pontos observados ao analisar os depoimentos das(os) psicólogas(os) pioneiras(os) consistiu em identificar aproximações e distanciamentos entre as trajetórias vividas pelas(os) psicólogas(os) no que diz respeito à sua experiência profissional e à chegada no estado.

A seguir, serão expostos alguns extratos das entrevistas com intuito de apresentar as participantes, visualizando e localizando temporalmente suas histórias, semelhanças e particularidades. Além de revelar as vias de entrada das primeiras práticas profissionais da psicologia escolar e educacional no Piauí.



Eu cheguei aqui na década de 80, só tinha eu e meu marido como psicólogos. Nesse período que eu estava na universidade e me dedicava só a ela, só que sempre alguém da área da Educação me chamava para dar uma palestra ou para fazer um planejamento, aí a universidade soltava, para fazer um projeto, um planejamento. [...] Então eu me aposentei, quando Fernando Henrique entrou, depois de 25 anos de Magistério. [...] E quando eu me aposentei eu fui logo para esse espaço da Educação. Eu fui para o Dom Bosco, para o Colégio das Irmãs, para o Dom Barreto e para o Andreas Objetivo (Claudia Moita).

Eu me inseri na psicologia escolar desde o período da faculdade, nos estágios e nas minhas vivências que foram muito em espaços escolares, me dividi entre a clínica e a escola. Posteriormente, quando eu conluo, já início com docência superior, eu inicio sendo professora na UESPI, após minha especialização em docência superior e assumindo a psicologia escolar no Instituto Batista Correntino, isso acontece em 1990/91, por aí (Delite Barros).

Eu fui para o Piauí em 2001, na época tinha duas faculdades de psicologia: a Facime [Sigla de Faculdade de Ciências Médicas da UESPI] e a Faculdade Santo Agostinho, então eu comecei a dar aula na Faculdade Santo Agostinho. Eu dei aula para a primeira turma e logo em seguida começaram os estágios. Então, eu não fui a primeira professora de psicologia escolar, mas eu não tenho memória quem foi a primeira. As primeiras duas turmas não foram comigo. As seguintes, por 10 anos, foram comigo como orientadora de estágio de psicologia escolar. Então assim, quando eu comecei, com os estágios em psicologia escolar e vendo a realidade, a maioria das escolas nem conhecia, não sabia como era o trabalho do psicólogo nas escolas, assim, não tinha... eu desconhecia alguma escola que já tivesse contratado assim na sua equipe, psicólogo (Cynthia Menda).

Entre as vias de entrada das primeiras práticas profissionais da psicologia escolar e educacional no Piauí, três tiveram notável representatividade, foram elas: universidade pública e faculdades privadas; escolas da rede particular de ensino; e as Gerências Regionais de Educação, vinculadas à Secretaria de Educação do Estado.

Os relatos acima confirmam que o meio acadêmico foi de fato a principal porta de entrada para os profissionais recém-chegados no Piauí, que iniciaram atuando como professoras substitutas na Universidade Estadual do Piauí/UESPI e em algumas faculdades privadas, como a Faculdade Santo Agostinho e a FACID.

A entrada da psicologia no contexto escolar aconteceu gradativamente, sendo que parte das profissionais que já atuavam na área da educação, no estado ou não, começaram a se inserir também nas escolas, mediante o crescimento das demandas e das necessidades das instituições relacionadas à saúde mental, assim como visando também futuras possibilidades com a inserção desses profissionais na formação de futuras(os) psicólogas(os).

Eu chego no Piauí em outubro de 1996 vindo de Fortaleza, morei um ano em Fortaleza e depois vim morar em Teresina e sou gaúcha [...] Quando eu chego em Teresina como eu falei, em outubro de 96, eu



venho com a indicação para falar com a dona de uma escola especial, que era a professora Amélia Rio Lima, que era dona de uma escola para crianças especiais, que se chamava Coepi. [...] Eu cheguei em Teresina com indicação de uma pessoa lá de Fortaleza que também prestava serviço para Amélia aqui em Teresina e a Amélia também tinha um curso de psicopedagogia clínica. E aí eu comecei a trabalhar no primeiro momento lá no Coepi como psicóloga, mas não fazendo psicologia escolar e sim atendimento clínico para as crianças que eram atendidas nessa escola especial. As coisas começam acontecer dessa forma, quando eu chego em Teresina então não havia nenhum curso de formação de psicólogos, o primeiro curso na Santo Agostinho e na Uespi começam em 1998 (Milene Martins).

Uma das primeiras portas que se abriram para mim em Teresina foi com o saudoso Marcílio do Dom Barreto, ele me convidou não para ficar na escola Dom Barreto, mas lá na casa de apoio que ainda hoje existe, onde ele tem muitos adolescentes, crianças, pré-adolescentes aceitos lá por questões familiares, por desamparo, enfim. [...] Lá tanto eu tinha essa missão de trabalhar com os adolescentes como uma missão também de trabalhar com as psicólogas que eram funcionárias que já trabalhavam no Instituto Dom Barreto e na Casa Dom Barreto e com o próprio professor Marcílio [...] Eram pouquíssimas as escolas aqui em Teresina que tinham psicólogas, como sempre o Dom Barreto é uma grande referência na educação de modo geral e na psicologia escolar tinha, a Maria Creuza e a Delite que entrou para substituir a Creuza, mas eram duas psicólogas. Não tô me lembrando da outra agora não. [...] Depois passei no concurso da UESPI, primeiro entrei na Pedagogia e depois fui para o curso de Psicologia. E dei muita aula na licenciatura e no curso de Psicologia que veio logo depois (Ana Célia Cavalcante).

Como exposto, a trajetória profissional de cinco das seis depoentes apresentaram bastante semelhança em relação aos espaços educacionais percorridos, sendo quase unânime a atuação como docente na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em Teresina, e participação em eventos isolados ou convites para trabalhar em algumas escolas, também na capital; sendo bastante citadas instituições como o Anglo, Dom Bosco, Colégio das irmãs, Dom Barreto e o Andreas Objetivo. Importante destacar a relevância do Ensino Superior público na prestação de serviço à sociedade, a partir do momento que se propõe a formar novos profissionais em um cenário carente de psicólogos em instituições escolares.

Ademais, merece destaque que os depoimentos evidenciam a centralização territorial da psicologia escolar e educacional em seus primórdios, uma vez que todas as ações da psicologia escolar citadas até o momento estão centradas na capital do estado. Esse movimento é reforçado pela concentração econômica nesse território.

No entanto, cabe abriremos um preâmbulo para um dos profissionais, Paulo Negreiros, que embora não tenha atuado como psicólogo escolar, merece destaque por sua atuação profissional estritamente ligada ao campo da educação pública, junto à formação de professores em diferentes secretarias de educação, tendo tam-



bém trabalhado como professor na UESPI, mas com maior tempo de atuação no Centro-Sul do estado, o que o torna até hoje referência na região.

A minha formação não é psicologia escolar e nem psicologia da educação, a minha formação é em licenciatura em psicologia, onde eu trabalhei administrando aula de psicologia do pedagógico com a formação de professores [...] Em 1996 eu passei no concurso da Secretaria da Educação como psicólogo para ministrar aula de psicologia para o pedagógico, e então fui durante todo esse tempo trabalhando nessa área. Ministrei aula na UESPI em 2001, no tempo que estava implementando no Estado do Piauí aquele período especial e trabalhamos ministrando aulas da psicologia da educação, psicologia escolar, mas não como especialista na área, e então sempre trabalhei na área da educação até o momento. Hoje eu trabalho como psicólogo, fazendo multidisciplinar, fazemos trabalhos nas escolas, mas não o atendimento de alunos, de qualquer maneira faz o acompanhamento dos professores e dos alunos, e se analisando as questões de estudo, de aprendizagem, disfunções, transtornos e fazemos encaminhamentos necessários para equipe atuar dentro desse contexto (Paulo Negreiros).

Groff e Souza (2020) apontam alguns desdobramentos da relação da psicologia educacional com a formação de professores e o quanto essa área é importante fonte de suporte científico à pedagogia e à licenciatura. Nesse sentido, as autoras trazem como os conteúdos repassados se modificaram ao longo do tempo, distanciando-se de uma formação de professoras hegemônica, voltada apenas para o ensino das teorias de desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, cabe mencionar a importância de reflexões acerca da formação de professores/as por intermédio da transposição de conteúdos da psicologia, principalmente quando elas são centradas no ensino de teorias psicológicas clássicas que estimulam a reprodução de um discurso medicalizante. Para, desse modo, se aproximar cada vez mais de uma formação crítica e contextualizada às múltiplas dimensões dos processos de ensinar e aprender (Groff & Souza, 2020; Negreiros, 2021).

Em suma, identificou-se que a psicologia escolar e educacional no estado construída por profissionais, naturais do Piauí e de outros estados, que tiveram formação em outras regiões do país, processo este, semelhante com a história da psicologia no Brasil, onde os primeiros psicólogos formaram-se no exterior e após a regulamentação da profissão no Brasil que começaram a exercê-la aqui.

3. Estrutura e recursos disponíveis para atuação profissional

A representação da(o) psicóloga(o) escolar como uma figura de autoridade, responsável por classificar, punir e consertar os alunos desajustados, esteve, desde o início, atrelada às expectativas direcionada a esse profissional.



Embora as profissionais aqui apresentadas tenham começado sua atuação em um período marcado pela reforma e transformação no cenário nacional, alguns depoimentos, principalmente acerca dos materiais disponíveis para complementar suas práticas, evidenciam a dificuldade, vista até hoje, de quebrar completamente paradigmas reducionistas, punitivos e segregacionistas.

Os testes eram o carro mestre, a reunião com os pais, o professor que colocava o aluno fora de sala, dependendo da infração. Quando era algo mais leve, mandava falar com a psicóloga, quando era algo que era muito terrível, que possivelmente ia dar uma suspensão, mandava para o diretor (Ana Célia Cavalcante).

No primeiro momento eram os livros, os testes de psicologia. A escola chamava de repente o psicólogo escolar para fazer a seleção e normalmente eu usava os meus testes. Porque como eu trabalhava com avaliação era mais fácil ter alguma bateria que precisava. Ou então solicitava que a instituição comprasse. Só que aí nós tínhamos outra característica porque não tínhamos venda de testes psicológicos em Teresina, os testes eram todos comprados em Fortaleza ou outros lugares. Depois chegaram as empresas que montaram a venda de testes aqui em Teresina e aí também coincide o avanço da Psicologia (Milene Martins).

Uma das formas de entrada da psicologia nas escolas foi por meio da psicometria, com aplicação de testes psicológicos, tendo como objetivo a busca por diagnóstico e “cura” dos problemas de aprendizagem dos estudantes. Conforme o período que as ações aqui citadas aconteceram, onde ainda existiam muitos resquícios de uma prática de ajustamento comportamental, era recorrente a predominância de falas que corroboram com o fato e evidenciam a cobrança de ações ainda nesse viés.

Em grande parte do cenário nacional, até meados dos anos 1980, o trabalho do psicólogo escolar e educacional/PEE fundamentava-se quase exclusivamente em utilizar testes psicológicos, calcados em um modelo psicométrico e clínico, para apontar o Q.I. ou a deficiência de crianças em idade escolar a fim de colocá-las em salas especiais (Souza & Barbosa, 2020).

No entanto, dos anos 1990 até meados dos anos 2000, a psicologia, e consequentemente a psicologia escolar educacional, passa por uma revisão e o uso de testes psicológicos nas escolas entra em declínio. Os profissionais que antes tinham suas práticas pautadas em um viés clínico individualizante assumem o caráter de agentes de reflexões, um conscientizador dos papéis representados por toda comunidade escolar (Witter, 2007).

Nesse íterim, os depoimentos revelam um olhar crítico das entrevistadas sobre o passado e a escassez de recursos disponíveis para atuação em psicologia escolar, principalmente por se tratar de uma ciência que ainda estava se moldando e credibilizando, como exposto nas falas a seguir:



No início a gente não pedia muitos recursos, porque a gente entendia que primeiro precisava mostrar trabalho, primeiro precisava ser valorizado, primeiro a gente precisava se tornar imprescindível, então a gente tentava fazer muitas vezes com que os estagiários fizessem suas atividades com os recursos deles, o que a gente tinha de recurso era o que tinha na escola como multimídia, algumas coisas assim, isso, sim, era muito fácil de se conseguir e então não tinha esse entrave. As coisas que demandam mais trabalho, mais material, normalmente os alunos que pagavam, era uma instituição privada, então não tinha tanto problema, mas eu também falava quando era eles que pagavam 'façam dentro do que vocês podem, se não dá para gastar, vamos pensar em outra atividade, outra coisa para a gente fazer' [...] No momento que eles começaram entender o que o psicólogo podia fazer, eles começaram a vislumbrar coisas maiores (Cynthia Menda).

No primeiro momento as condições que a escola nos dava eram muito pequenas, era muito precária, vamos dizer assim, você tinha uma sala, uma mesa e duas cadeiras, uma era para você e a outra para aluno e talvez duas, uma para o pai e outra para mãe. [...] A gente trabalhava usando recursos que tinham na biblioteca, a gente começou a montar uma pequena estante de livros infantis que poderiam ser úteis para quando eu precisasse conversar com alguma criança, de deixar solicitar alguns brinquedos e até mesmo levar brinquedos meus para escola, brinquedos do consultório para montar uma sala um pouco mais lúdica, quando a gente trabalhava com crianças (Milene Martins).

Galvão et al. (2019) trazem a visão que por muito tempo foi difundida da psicologia escolar como uma área secundária da Psicologia, em que as questões escolares são avaliadas em termos de saúde x doença, e aparecem como problemas de ajustamento, aprendizagem e adaptação. Nesse sentido, a atuação da(o) psicóloga(o) nesse cenário estava voltada para solucionar as queixas escolares.

Nessa perspectiva, é difundida a ideia de que a escola é a instituição para o cumprimento dos objetivos destinados ao cumprimento de adequação no processo de ensino-aprendizagem, bem como na relação do aluno com os outros integrantes do contexto educacional.

Segundo Andaló (1984) "esta é, portanto, uma visão conservadora e adaptativa, uma vez que os problemas surgidos ficam centrados no aluno, isto é, a responsabilidade dos insucessos e dos fracassos recai sempre sobre o educando" (p.43). Portanto, o papel do psicólogo escolar seria então o daquele profissional cuja função é "tratar estes alunos-problema e devolvê-los à sala de aula *bem ajustados*" (p. 43, grifo da autora).

A importância da escola está imersa nesse processo de ampliação das práticas da(o) psicóloga(o) escolar, proporcionando não só um ambiente favorável, mas também recursos para o mesmo como o apresentado abaixo:

Quando eu comecei lá em Corrente, eu já cheguei com serviço estruturado, que era o SOE (Serviço de Orientação Educacional) que a psicologia se insere agregada a pedagogia. Então eu começo lá



no SOE em um espaço super bacana, com uma sala, bem aos olhos da Psicologia mesmo, com muitas almofadas, até porque a Escola Batista já tinha essa visão da importância do profissional da psicologia lá dentro, porque a Silvia chegou e montou um serviço. Silvia foi a primeira psicóloga dentro do espaço escolar no Piauí, eu fui a segunda (Delite Barros).

A psicologia escolar ainda enfrenta diversos desafios no que se refere à credibilidade do trabalho nas instituições. Em razão disso, ainda comuns profissionais de outras áreas são destinados ao cumprimento de tarefas que deveriam ser de encargo do psicólogo escolar. Além disso, para que o trabalho com toda a comunidade escolar seja realmente efetivo, necessita-se que a família, os gestores, os professores e todos os outros personagens importantes no processo educativo estejam em sintonia com o psicólogo escolar, bem como ofereça recursos facilitadores para essa prática (Galvão et al., 2019).

4. Transformação no campo e protagonismo dos estagiários de psicologia escolar

As(os) pioneiras(os) evidenciaram uma série de mudanças vividas ao longo dos anos pela psicologia escolar educacional no Piauí. Foram citados diversos avanços, especialmente no que concerne às funções/papéis das(os) psicólogas(os) nos contextos educacionais, sendo também tais profissionais grandes responsáveis por criar espaços de reflexões com todos os grupos que fazem parte da comunidade escolar.

Muitos fatores influenciaram todas essas transformações, mas acreditamos ser válido destacar um que foi consideravelmente mencionado nas memórias sociais das(os) participantes: a importância da(o) estagiária(o) no processo de inserção da(o) psicóloga(o) escolar no contexto educacional.

Como visto anteriormente, as primeiras práticas em psicologia escolar no estado aconteceram no mesmo período de inserção dos cursos de graduação em Psicologia, por volta do ano 1992. Dessa forma, era frequente que os professores de graduação também tivessem alguma relação com as escolas destinadas para os estágios.

Algumas das pioneiras que atuaram como orientadoras de estágio trouxeram a importância desse processo e algumas dificuldades vivenciadas, como exposto nas falas abaixo:

Eu acho que talvez essa tenha sido a minha grande contribuição, a ampliação de vagas de emprego na área da psicologia escolar com a inserção dos estagiários, que fizeram estágio nesses locais, e não só essas pessoas, na época, por exemplo, o Dom Barreto começou a contratar, primeiro começou a selecionar estagiários e depois esses



estagiários foram contratados como psicólogos [...] Então a partir dos cursos de graduação e os estágios obrigatórios dos cursos de graduação começa se abrir um mercado de trabalho. Como havia então o crescimento de profissionais e conhecimento do que era psicologia escolar a partir do trabalho dos estagiários, as escolas começam a perceber que isso é importante e começam então contratar essas pessoas (Milene Martins).

Lá para os anos 2000 a UESPI já com o curso de psicologia, saindo os seus primeiros estagiários, a escola abre espaço para receber a chegada dos estagiários e nós começamos a ter mais gente, porque nesse inteiro só tinha eu como psicóloga, a outra psicóloga que existia já tinha se aposentado então só restava eu, as psicopedagogas saem também, dizia o professor Marcílio que a psicologia dava mais respostas para a pedagogia, complementava (Delite Barros).

Teles (2019) aponta a importância dos debates iniciados em meados da década de 1980, protagonizados pelo Conselho Federal de Psicologia, sobre a reformulação dos currículos dos cursos de psicologia, a fim de reconhecer a multiplicidade que compõe o curso e oferecer campos de estágio que contemplassem essa pluralidade.

Os depoimentos mostram que os currículos dos cursos de psicologia existentes na época na Universidade Estadual do Piauí/UESPI, Faculdade Santo Agostinho e Facid tinham uma abundância de disciplinas teóricas de psicologia escolar, além de um estágio específico para a área. Diante desse cenário, o movimento de busca dos alunos pelos locais de estágio cresceu consideravelmente, o que deu início a uma tendência crítica em termos de serviço.

É importante destacar que as mudanças curriculares vividas pelos cursos que já existiam, bem como pelos que surgiram depois, resultaram na diminuição teórica e prática na área de psicologia escolar na atualidade, fato considerado um retrocesso por parte das entrevistadas.

Eu acho que houve um retrocesso dentro das universidades. Quando eu fui coordenadora, nós tínhamos um bloco todo que era voltado para psicologia escolar, então eu tenho muita dificuldade quando eu recebo alunos para estagiar, ou psicólogos para eu contratar, para o chão da escola, porque não tem base. A universidade hoje está muito voltada para a clínica, é como se negasse a psicologia escolar, eu acho um desrespeito, o fato de ter tirado um bloco todo de psicologia da aprendizagem, de práticas em psicologia escolar foi um grande equívoco da universidade (Delite Barros).

A prática de estágio é uma parte indispensável no processo de formação dos cursos de Psicologia, funcionando como um espaço de articulação entre teoria e prática (Teles, 2019). Além disso, Souza et al (2020) trazem a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais que buscam contemplar “competências e habilidades” e estão presentes em quase todos Projetos Pedagógicos de Curso, objetivando se distanciar de uma prática pautada na reprodução de técnicas e formação de especialistas.



É importante destacar, que segundo as entrevistadas, a inserção das(os) estagiárias(os) nas escolas não foi um processo fácil e rápido, foi preciso bastante esforço das(os) professoras(es) e estudantes para alcançar um mínimo de credibilidade, uma vez que a psicologia escolar ainda não era tão popular no estado do Piauí como, por exemplo, a atuação clínica.

Quando eu comecei, com os estágios em psicologia escolar e vendo a realidade, a maioria das escolas nem conhecia, não sabia como era o trabalho do psicólogo nas escolas, eu desconhecía alguma escola que já tivesse contratado assim na sua equipe, psicólogo. Existia psicopedagogo e existia a ideia de que psicopedagogo era mais porque era psicólogo e pedagogo. Tinha esse conceito equivocado das escolas. [...] Então o começo da minha trajetória foi abrindo locais de estágio, então me diziam 'ah tal escola, quem sabe tu vai lá, conversa', e algumas a gente não teve muito sucesso, não queriam psicólogo, ainda tinha muito preconceito... muitos estagiários relataram para a gente muito preconceito com a psicologia assim, estereotipada mesmo, que era para louco, que era para pessoa que não tava bem, então que não tinha propósito de um psicólogo estar dentro da escola (Cynthia Menda).

Chegou um tempo que as pessoas começaram a comprar as ideias, as turmas de estagiários chegavam e já diziam para eles assim 'olha a turma passada fez isso, isso e isso, no mínimo vocês têm que fazer igual ou mais'. Então no momento que eles começaram a entender o que o psicólogo podia fazer, eles também já começaram a vislumbrar coisas maiores, tipo, na instituição que eu era consultora, chegou um tempo que a gente organizou uma semana do adolescente, então na semana do adolescente tinham atividades que eram as estagiárias que faziam, mas a gente organizava inclusive ciclo de palestras que eram contratados palestrantes e a escola pagava porque a escola já achava que aquilo era importante, então assim como nessa escola outras escolas também passaram a disponibilizar mais recursos quando eles viram que aquilo tinha um efeito, que aquilo realmente chamava atenção (Cynthia Menda).

O papel de supervisora, conforme exposto no depoimento, é essencial no processo de formação do aluno, uma vez que ela tem a responsabilidade de orientar o estagiário num projeto de formação e de profissionalização, conversando com o currículo, com as bases teóricas, e, a partir da dimensão pedagógica, construir uma proposta voltada para o desenvolvimento de toda comunidade escolar, considerando suas condições de trabalho (Teles, 2019).

Outra análise extraída dos depoimentos diz respeito às transformações das práticas observadas ao longo dos tempos pelas psicólogas no âmbito escolar. Entre o que elas apontam como positivo, uma das mais importantes é a mudança da prática pautada no paradigma clínico-individualizante nas escolas.

A atuação que antes era exclusivamente centrada no aluno e nos comportamentos vistos como inapropriados vem gradativamente se reestruturando e promovendo ações de cunho coletivo, preventivo e preocupado com questões que vão além dos problemas de ensino-aprendizagem, segundo os trechos das falas abaixo:



Uma das coisas assim que eu considero mais importante foi essa conscientização do papel do psicólogo escolar dentro da escola, e não era o de clínica, porque o único modelo que existia que as pessoas conheciam era esse do clínico que estava lá na escola e que fazia seu atendimento, e inclusive na escola que entrei como consultora também tinha essa ideia que eu ia atender (Cynthia Menda).

O mais bacana nessa mudança que eu observo, foi esse trabalho que sai do individualizado para o coletivo, um trabalho muito mais plural, que envolve a comunidade escolar, não só os alunos, hoje nós participamos dos planejamentos com os professores, hoje nós conduzimos as reuniões, hoje nós fazemos mediação de conflitos, hoje nós mantemos o grupo família em pauta, que era o que eu chamava antes de grupo de convivência (Delite Barros).

A psicologia escolar tem um trabalho muito mais preventivo no ambiente escolar do que um trabalho curativo. Então a gente começa a mudar uma tendência que havia até aquele momento (Milene Martins).

Ademais, vale lembrar que grande parte dessas mudanças tem base na psicologia escolar crítica, que abre o leque de possibilidades para atuação da(o) psicóloga(o) nas escolas (Oltramari et al., 2020). Segundo Limberger e Oliveira (2014), o cuidado vai para além do aluno, envolve professores, comunidade, família, gestores e qualquer outro envolvido no processo educativo, como dito por uma das nossas participantes:

A escola não é para psicoterapia, a escola é para trabalhar os problemas das crianças, ou dos adolescentes, ou do adulto, depende do tipo de escola, para trabalhar as pessoas, para melhorar o ambiente da escola e conseqüentemente o aprendizado do aluno, seja na área motora, seja na área afetiva, seja na área cognitiva. Porque quando você trabalha com o professor o resultado é muito maior do que eu pegar 10 alunos por semana para atender (Claudia Moita).

Com isso, se observa que uma perspectiva crítica vai emergir em termos de serviço com a construção dos estágios em psicologia escolar, uma vez que os supervisores começam a direcionar certo número de estagiários para cada escola, evidenciando um processo de coletividade e de criação de projetos.

O estágio em psicologia escolar dissemina a importância de profissionais da psicologia nos espaços educacionais, espaços esses que muitas vezes nunca tiveram contato com esta área profissional. Com os estágios, esses profissionais foram expandindo o serviço e as escolas começaram entender que o papel do psicólogo não era só realizar testagem e palestras educativas. Desloca-se, portanto, o olhar para a criança, o adolescente em escolarização para o inquirir e intervir, sobretudo no chão da escola, em suas práticas cotidianas (Negreiros, 2021).



5. Movimentos de descentralização da psicologia escolar no estado

Como pode-se perceber em alguns extratos das entrevistas apresentadas, é marcante a presença da psicologia escolar em apenas uma região do estado, sendo justamente composto por territórios mais abastados e urbanizados, como a capital do Piauí. Essa centralidade corrobora com a caracterização que temos da psicologia como inacessível para grande parte da população. Com isso, vale destacar que das seis participantes, apenas duas atuaram em outras cidades além de Teresina, sendo que uma delas foi por um curto período.

Iniciei dando aula e sendo psicóloga escolar, eu exerci as duas funções, a de professora e a de psicóloga escolar. Posteriormente, tenho toda uma inserção na docência nas escolas públicas, passei em um concurso para fundamentos biopsicossociais, no estado, então iniciei também aula no Estado na área da Psicologia. Esse percurso dura um bom tempo lá em Corrente, no extremo Sul do estado, foi na escola Batista de lá, depois eu venho para Teresina e quando eu chego em Teresina em 1993, pouco tempo depois eu fui chamada para trabalhar no Instituto Dom Barreto e começo toda essa história de Instituto dom Barreto e de UESPI (Delite Barros).

Eu trabalhei como psicólogo na região (mora em São Raimundo Nonato) durante vinte anos sozinho, porque não existia faculdade de psicologia em Teresina, as faculdades mais próximas que tinham eram em Fortaleza, Recife, Salvador, Paraíba. Então quando eu me formei em 1990 eu fiquei durante muito tempo aqui trabalhando sozinho exatamente porque não existiam esses profissionais, a formação era pequena e em dez anos para cá foi que surgiu muitas faculdades de psicologia e eu conheço várias, eu não conheço bem os formados em especialização na formação de escolar e educacional, a maioria dos que eu conheço é tudo voltado para a área clínica, mas eu fiquei durante muito tempo sozinho na região, trabalhando aqui nos municípios vizinhos de uma forma com palestra, com curso voltado para área da educação (Paulo Negreiros).

Percebe-se que é restrito campo de atuação das(os) psicólogas(os) nos cenários educacionais, uma vez que praticamente todas as instituições citadas pelos profissionais são privadas e, segundo eles, cobravam das(os) profissionais ações que se aproximam muito mais de uma atuação clínica e individualizante, corroborando com estudos acerca do caráter elitista e segregador que acompanha a psicologia, como citado na fala abaixo:

As escolas privadas eu me lembro, nessa época eu não lembro das públicas, eu às vezes era chamada para dar uma palestra, eu ia, mas assim, para você trabalhar lá, não, não me lembro de ter tido (Claudia Moita).

Com isso, percebe-se o atraso em relação aos movimentos de descentralização da atuação da psicologia escolar nos cenários educacionais, fato que pode ser justificado devido à escassez de políticas públicas voltadas para efetivação dessa atuação e cabendo aqui mencionar que esse processo continua acontecendo.



A exemplo, estudos prévios de Negreiros et al. (2022) apontam que um dos marcos mais atuais e efetivos no processo de descentralização, tanto territorial quanto institucional, foi a criação da Lei nº 13.935, aprovada em 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de Educação Básica e representa um marco na história da Psicologia Escolar e Educacional/PEE brasileira, diante do processo de lutas experienciado a tanto tempo pela classe de psicólogas(os).

No entanto, anterior à lei 13.935/19, alguns acontecimentos iniciaram o processo de expansão da psicologia escolar pelo território piauiense. O governo do Estado, por intermédio da Secretaria de Estado da Educação do Piauí - SEDUC, promove o lançamento do primeiro edital do processo seletivo simplificado para cadastro de reserva para PEE no Piauí em 2017 – Edital nº 05/2017, com disponibilidade de vaga para o cargo de nível técnico superior - psicólogo na cidade de Teresina.

Neste certame, a qualificação exigida foi de curso superior em Psicologia com registro no Conselho Regional de Psicologia. Experiência mínima de 1(um) ano de atendimento a estudantes: público alvo da educação especial. E, no ano de 2021, abriram o processo seletivo simplificado destinado à formação de cadastro de reserva para os cargos de técnico de nível superior substituto, entre eles o Psicólogo - Edital SEDUC-PI/GSE Nº: 8/2021, para os centros de atendimento educacional especializado, gerências regionais de educação - GREs e unidades escolares da rede estadual de ensino. Vagas destinadas para todo o estado (Capital, Teresina e as sedes das GREs (1ª GRE até a 21ª GRE).

Apesar de ainda haver uma supremacia de serviços de psicologia nas áreas mais abastadas do estado, alguns movimentos foram marcantes nesse processo de descentralização. Atualmente, por exemplo, o Piauí conta com 21 regionais de educação distribuídas de Norte a Sul, e todas possuem pelo menos um profissional de psicologia inserido, em parceria com pedagogo e assistente social (Negreiros et al., 2020).

Além disso, a quantidade de instituições de nível superior que ofertam o curso de psicologia aumentou consideravelmente. Embora a maioria ainda esteja centrada na capital e no norte do estado, também é possível encontrá-las em outras regiões, aumentando a democratização do acesso ao ensino nas áreas menos abastadas do estado.

No total, o Piauí conta com 18 faculdades ofertando o curso, sendo elas: Faculdade Afonso Mafrense; Faculdade Uninassau Parnaíba; Faculdade UNIRB - Piauí; Instituto de Educação Superior Raimundo Sá; Christus Faculdade do Piauí; Universidade Estadual do Piauí; Faculdade UNIRB - Parnaíba; Centro Universitário Santo Agostinho; Faculdade de Ensino Superior do Piauí; Faculdades Famep; Centro de Ensino Unificado do Piauí; Instituto de Ensino Superior de Teresina; Faculdade Estácio de Teresina; Centro Universitário Maurício de Nassau de Teresina; Faculdade



Uninassau Aliança - Redenção; Faculdade Monsenhor Hipólito; Universidade Federal do Piauí (atualmente Universidade Federal do Delta do Parnaíba); e Centro Universitário Facid Wyden (Carvalho, 2019).

Diante do exposto, concluímos que os depoimentos orais aqui apresentados não estão isolados ou distantes das produções acadêmicas já existentes sobre a psicologia escolar educacional no estado e acreditamos que esse material recupera narrativas necessárias para a construção histórica dessa área e alcança o objetivo de deixar registrado acontecimentos indispensáveis a partir dos relatos de pioneiras(os) na atuação da psicologia no campo da educação no Piauí.

Conclusão

O objetivo dessa pesquisa foi apresentar a história da construção e consolidação do campo de estudo e atuação da Psicologia Escolar e Educacional no Piauí, a partir de depoimentos orais e outras fontes historiográficas dos primeiros profissionais da psicologia que atuaram no campo educativo do estado. Os relatos possibilitaram a divisão de cinco eixos temáticos que evidenciam três momentos históricos dessa história.

O primeiro, diz respeito à chegada das(os) profissionais no Piauí e as suas primeiras incursões no final da década de 1980. Nesse sentido, observou-se duas principais vias de entrada: os serviços de psicologia na formação dos professores junto às Secretarias de Educação; e os serviços de psicologia escolar, prioritariamente na esfera privada, marcado por um serviço ainda tradicional e recortado sob um modelo clínico-individualizante.

O segundo é caracterizado pela transformação deste cenário com a aproximação de uma psicologia menos tradicional e com a incursão de uma perspectiva mais crítica a toda comunidade escolar, diante da difusão da profissão do PEE no estado em decorrência da construção dos primeiros cursos de psicologia na prestação de serviços de estagiários, em meados dos anos 1998.

Por fim, o terceiro momento diz respeito a um período de processos e mudanças que continua se construindo, iniciado com a efetivação e aproximação das políticas públicas que evidenciam a importância da descentralização territorial dos serviços de psicologia, marcado pela inspiração nas referências técnicas na área e nas produções científicas do estado na área da psicologia escolar, reconhecidas e assinaladas pelos concursos e seletivos da secretaria de estado de educação.

Com os dados reunidos, foi possível atingir o objetivo inicial, cabendo mencionar os desafios percebidos para realização do estudo, sendo os principais a escassa produção historiográfica da área no estado e organizações de trabalhos com a mesma proposta e estilo. Diante disso, reforça-se a sua relevância social e acadêmica diante da possibilidade de fomentar discussões acerca do tema e produzir



material que sirva de subsídio para futuras produções acadêmico-científicas.

Assim, recomenda-se a realização de futuros estudos que historicizem a inserção profissional em diferentes etapas da escolarização - educação infantil, ensino fundamental, ensino médio - ou em modalidades educacionais, como a educação profissional e tecnológica, a educação de jovens e adultos, a educação à distância, educação do campo, educação escolar quilombola e a educação escolar indígena.

Referências

- Andaló, C. S. D. A. (1984). O papel do psicólogo escolar. *Psicologia: Ciência e profissão*, 4(1), 43-46. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931984000100009>
- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia escolar e educacional*, 12(2), 469-475. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>
- Arruda, R. C., & Oliveira, T. C. (2018). *A atuação do psicólogo no contexto educativo: contribuições à psicologia escolar*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia, Centro Universitário de Várzea Grande]. <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/72>
- Barbosa, D. R. (2011). *Estudos para uma história da psicologia educacional e escolar no Brasil*. [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital de teses e dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.47.2011.tde-22072011-163136>
- Barbosa, D. R. (2012). Contribuições para a construção da historiografia da Psicologia educacional e escolar no Brasil. *Psicologia: ciência e profissão*, 32 (spe), 104-123. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500008>
- Barbosa, D. R. & Souza, M. P. R. D. (2012). Psicologia educacional ou escolar? Eis a questão. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 163-173. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100018>
- Candeira, B. S., Carvalho, L., S. & Negreiros, F. (2020). O psicólogo escolar em políticas públicas no Piauí: mapeamento e demandas. *Interação em Psicologia*, 24(3), 258-267. <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v24i3.67544>
- Carvalho, L. de S. (2019). *Psicologia Escolar na rede pública de ensino do Piauí: mapeamento, caracterização e modelos de atuação em políticas públicas educacionais*. [Dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Piauí].

Darahem, G. C., Cosentino, M. C., Cândido, G. V., & Massimi, M. (2014). O uso da



- história oral na psicologia: percepção de experiências individuais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3), 1039-1053. <https://doi.org/10.12957/epp.2014.13900>
- Galvão, J. A., Silva, V. S., & Prado, C. C. (2019). A Importância do Psicólogo escolar na comunidade escolar: um estudo comparativo. *Integración Académica en Psicología*, 7(19), 56-67.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Groff, A. R. & Souza, S.V. (2020). *Práticas não medicalizantes na educação: contribuições da psicologia educacional na formação inicial e continuada de docentes*. In L. C. Oltramiri, L. R. C. Feitosa, & M. Gesser (Orgs.). *Psicologia escolar e educacional: processos educacionais e debates contemporâneos* (pp. 33-53). Edições do bosque.
- Jacob, L. M. S., Melo, M. C., Sena, R. M. C., Silva, I. J., Mafetoni, R. R., & Souza, K. C. S. (2019). Ações educativas para promoção da saúde na escola: revisão integrativa. *Saúde e pesquisa*, 12(2), 419-427. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2019v12n2p419-427>
- Lei nº 13.935 de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm
- Lei nº 4.119 de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4119.htm
- Lima, A. O. M. N. (2005). Breve histórico da psicologia escolar no Brasil. *Psicologia Argumento*, 23(42), 17-23.
- Limberger, J., Mella, L. L., & Duarte, T. O. (2014). Promoção de Saúde na Escola: o papel da Psicologia Escolar. *Itinerarius Reflectionis*, 10(2), 1-14. <https://doi.org/10.5216/rir.v10i2.33046>
- Negreiros, F. (2021). *Palavras-chave em Psicologia Escolar e Educacional*. Alínea.
- Negreiros, F., Barros, M. O., & Carvalho, L. S. (2020a). Psicologia escolar em políticas públicas no Piauí, Brasil: compreensão teórico-prática e modelos de atendimentos. *Integración Académica en Psicología*, 8(22), 60-70.
- Negreiros, F., Silva, R. B. A., Rocha, J. O., Fonseca, T. S., Carvalho, L. S., & de Oliveira, F. M. (2020b). Inserção profissional da/o psicóloga/o escolar em Instituições Públicas do Piauí: Georreferenciamento e políticas educacionais. *Cadernos de Educação*, 19(39), 123-143. <https://doi.org/10.15603/>



1679-8104/ce.v19n39p123-143

- Negreiros, F., Lima, C., Mota, I., Ameida, M. C., Martins, S., & Santos, T. (2022). Expectativas da sociedade brasileira sobre psicólogas (os) na rede pública de ensino: o caso da lei 13.935. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 26(2), 186-205.
- Oltramari, L. C., Cavalcante, L. R., & Gesser, F. M. (2020). *Psicologia escolar e educacional: processos educacionais e debates contemporâneos*. Edições do Bosque.
- Patto, M. H. S. (2022). *Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar* (2a ed.). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Silva Neto, W. M. D. F., Barbosa, D. R., Silva, S. L. G., & Antunes, M. A. M. (2020). Eulália Henriques Maimone: Pioneira da Psicologia Educacional e Escolar em Minas Gerais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24, 1-11. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020227149>
- Silva, C. D. A., & Yamamoto, O. H. (2013). As políticas sociais na formação graduada do psicólogo no Piauí. *Psicologia: ciência e profissão*, 33 (4), 824-839. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000400005>
- Souza, M. P. R. & Barbosa, D. R. (2020). Formação de psicólogos e diretrizes curriculares nacionais em psicologia: breve retrospectiva. In R.A., Railson Moura. *Diretrizes curriculares e processos educativos: desafios para a formação do psicólogo escolar* (p. 29-54). Editora CRV Ltda.
- Souza, M. P. E., Silva, S. M. C., & Toassa, G. (2020). Desafios e perspectivas para a formação de psicólogos nos processos educativos. In R.A., Railson Moura, *Diretrizes curriculares e processos educativos: desafios para a formação do psicólogo escolar* (p. 289-309). Editora CRV Ltda.
- Teles, L. A. L. (2019). O estágio em psicologia escolar e educacional em uma perspectiva crítica: contribuições de supervisoras na formação de psicólogas [Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31688>
- Witter, G. P. (2007). O psicólogo escolar como psicometrista: 30 anos depois. *Psicologia escolar e educacional*, 11(2), 417-425. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000200021>



Nota sobre os(as) autores(as):

Leilanir de Sousa Carvalho é doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI/CMRV (2018-2019). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Integral Diferencial (2009). Membro do Grupo de Pesquisas em Psicologia Escolar Crítica e Políticas - PECPol/UNB, vinculado ao CNPQ. E-mail: leilanircarvalho@ymail.com

Thayná Costa Santos é psicóloga e mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba. E-mail: thaynacs93@gmail.com

Maycon Campos de Almeida é acadêmico de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR) e pós-graduando em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Educacional e Queixa Escolar (PSIQUED). Também é membro do Núcleo de Pesquisas em Psicologia Escolar Crítica e Políticas (PECPol) e do Núcleo de Estudos e de Pesquisa em Intervenção Cognitivo-Comportamental e Saúde Mental da Universidade Federal do Piauí E-mail: mayconcamp12@hotmail.com

Fauston Negreiros é psicólogo, graduado pela Universidade Estadual do Piauí (2005). Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP (2020). É Professor Associado 2 do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e orientador de Mestrado e Doutorado do programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar/PG-PDE do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília/UnB. E-mail: fnegreiros@unb.br

Data de submissão: 19.01.2023

Data de aceite: 04.09.2023